

NOVA

escola

O QUE
PENSAM
OS
JOVENS
DE BAIXA RENDA
SOBRE
A **ESCOLA**

Pesquisa mostra que eles não veem sentido em muitos dos conteúdos ensinados em sala e reclamam que os professores não usam a tecnologia durante as aulas. Sinais de que o Ensino Médio precisa ser reformulado

UMA PUBLICAÇÃO



**ESTUDOS E PESQUISAS
EDUCACIONAIS**

EDIÇÃO ESPECIAL Nº 15



JUNHO/2013 PROIBIDA A VENDA

Conectando pessoas e instituições podemos transformar o *Futuro.*

A **Fundação Telefônica Vivo** nasceu da vontade de melhorar a qualidade de vida de crianças e jovens através daquilo que o Grupo Telefônica tem de melhor: a tecnologia.

Desde 1999, nosso compromisso é impactar de forma positiva a vida de milhares de pessoas nos 16 países em que estamos presentes.

Buscamos antecipar as tendências sociais e o desenvolvimento de novas tecnologias para aplicar às nossas linhas de atuação: Educação e Aprendizagem, Combate ao Trabalho Infantil, Inovação Social e Voluntariado.

www.fundacaotelefonica.org.br

Fundação Telefônica

Telefônica

vivo

4 APRESENTAÇÃO
Ensino Médio: uma reforma incompleta

6 PERFIL DOS JOVENS
Eles estão com a cabeça no futuro

8 ATITUDES E PERCEPÇÕES
Em busca de um sentido

14 TRAJETÓRIA ESCOLAR
A decisão de abandonar

16 ENTREVISTA
Haroldo da Gama Torres

18 CAMINHOS SUGERIDOS
Os estudantes em primeiro lugar



Edição especial sobre a pesquisa da Fundação Victor Civita (FVC) O Que Pensam os Jovens de Baixa Renda sobre a Escola, realizada pelo Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap) e concluída em junho de 2013. Coordenador: Haroldo da Gama Torres. Assistentes de pesquisa: Danilo França, Jacqueline Teixeira, Rafael Camelo e Edgard Fusaro.



Fundador: VICTOR CIVITA
(1907-1990)

Presidente: Roberto Civita
Diretora Executiva: Angela Dannemann
Conselheiros: Roberto Civita, Giancarlo Francesco Civita,
Victor Civita, Roberta Anamaria Civita, Fábio Barbosa,
Claudio de Moura Castro, Jorge Gerdau Johannpeter,
Manoel Amorim e Marcos Magalhães

EDIÇÃO ESPECIAL O QUE PENSAM OS JOVENS DE BAIXA RENDA SOBRE A ESCOLA

Diretora de Redação: Maggi Krause
Redatora-chefe: Denise Pellegrini
Diretora de Arte: Manuela Novais
Coordenadora Pedagógica: Regina Scarpa
Designer: Victor Malta
Gerente de Projetos: Mauro Morellato
Analista de Planejamento e Controle Operacional: Kátia Gimenes
Processos Gráficos: Vitor Nogueira
Colaboraram nesta edição: Ana Gonzaga (reportagem),
Bruno Algarve (ilustração), Rita Trevisan (reportagem e edição)
e Sidney Cerchiaro (revisão)

Edição especial O Que Pensam os Jovens
de Baixa Renda sobre a Escola
é uma publicação da área de Estudos e Pesquisas da Fundação Victor Civita
(estudosepesquisas@fvc.org.br).

AR FERNANDEZ GRÁFICA LTDA.

Rua Dona Ana Neri, 768 - Cambuci - CEP: 01522-000 - São Paulo/SP

Parceiros



Fundação Telefônica

Ensino Médio: uma reforma incompleta

O modelo de hoje, precário na infraestrutura das escolas e na formação dos professores, não consegue atrair ou reter boa parte dos jovens

Há pouco mais de 40 anos, o Ensino Médio formava apenas uma elite estudantil, que depois ingressava na universidade. Mas, no início dos anos 1970, esse nível de ensino passou a ser percebido como uma nova exigência do mercado de trabalho, até mesmo por famílias de baixa renda. O aumento da demanda motivou a expansão das vagas, transformando as características da última etapa da Educação Básica, que se tornou massificada. A ampliação foi rápida. Segundo dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), as vagas de Ensino Médio apenas na rede estadual – que respondia por 90% do total – passaram de 537 mil em 1971 para 3,8 milhões em 1995. No entanto, a expansão foi feita com poucos recursos materiais e humanos.

Daquela década em diante, apenas dois projetos de reforma foram propostos pelo governo federal, e ambos divergentes no que diz respeito a temas como o currículo e o papel do ensino profissionalizante. “De modo geral, as reformas focaram os currículos e os conteúdos das disciplinas. Questões fundamentais, como a formação do professor para atender às especificidades dos jovens do Ensino Médio, foram muito pouco discutidas”, observa a pesquisadora Nora Krawczyk, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Para Celso Ferretti, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), as reformas também não contemplaram mudanças importantes na infraestrutura visando aproximar o espaço escolar das necessidades dos estudantes. “O ambien-

te das escolas não é estimulante para eles. Há deficiência de bibliotecas, quadras esportivas, laboratórios de Ciências e de informática”, afirma. Muitas vezes os recursos disponíveis são pouco usados, entre outros motivos, por falta de capacitação docente. Assim, a despeito dos avanços, o quadro do Ensino Médio continua desalentador. Em 2011, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), somente 51,6% dos jovens entre 15 e 17 anos estavam matriculados nessa etapa. Dados do Ministério da Educação (MEC) indicam que as matrículas diminuíram nos últimos dez anos, de 8,7 milhões para 8,3 milhões. Além disso, segundo informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2011, dos alunos que deixaram a escola, 70,2% o fizeram entre o 7º ano e o Ensino Médio.

Nova geração traz desafios

Outra questão frequentemente associada à crise do Ensino Médio é a falta de correspondência entre a realidade da escola e a vivida por esses adolescentes fora do ambiente educacional, em razão das intensas mudanças ocorridas na família, na cultura e nos meios de comunicação. “A ausência de diálogo entre o jovem e a escola se soma à desvalorização docente, que se aprofundou com as novas tecnologias. O aluno diz que o professor não fala a língua dele, e isso é um grande obstáculo”, afirma Priscila Cruz, diretora executiva do movimento Todos pela Educação.

Por fim, há uma tensão permanente no que diz respeito ao modelo do Ensino Médio: não há um consenso sobre os principais objetivos, se ele deve

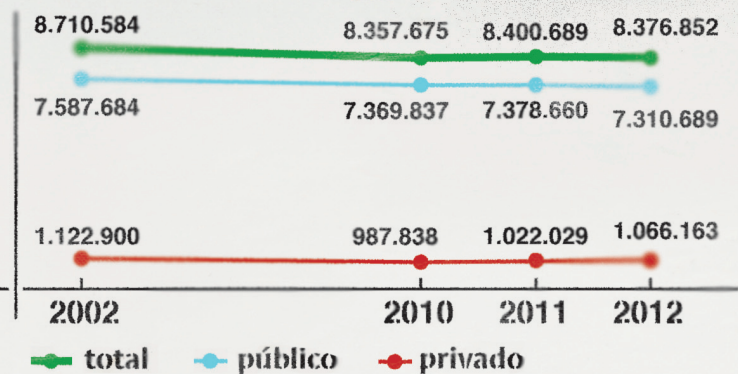




formar para o ingresso na universidade ou para o mercado de trabalho. “A crise está associada à expansão das vagas e aos modelos de Ensino Médio no país. A escola pública não consegue atrair ou reter o jovem, e repensá-la é um desafio”, diz Haroldo da Gama Torres, autor da pesquisa O Que Pensam os Jovens de Baixa Renda sobre a Escola, da Fundação Victor Civita (FVC), em parceria com o Banco Itaú BBA e a Fundação Telefônica Vivo, realizada pelo Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap).

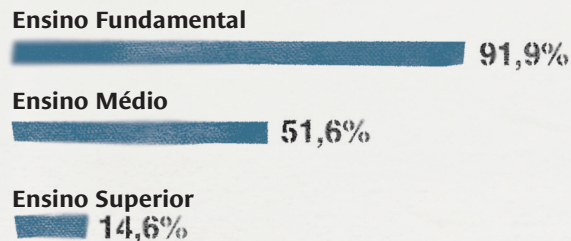
O levantamento, feito em 2012, envolveu jovens de 15 a 19 anos, que cursam ou cursaram o Ensino Médio por pelo menos seis meses, oriundos dos setores censitários 40% mais pobres de São Paulo e do Recife. O objetivo foi aprofundar os conhecimentos sobre eles, entendendo quais são suas percepções e atitudes sobre esse nível de ensino e como tais percepções influenciam, ou não, na trajetória educacional que seguiram. Para responder às questões, foram combinados métodos de abordagem qualitativa e quantitativa. A etapa qualitativa contou com grupos focais, entrevistas em profundidade e observação virtual – que envolveu o acompanhamento de diálogos entre jovens nas redes sociais e a análise de fóruns de discussão sobre escola e adolescência. Com base nos achados da primeira fase, foram aplicados mil questionários estruturados para a realização da pesquisa quantitativa, cobrindo temas associados às situações escolar, de trabalho e da família, bem como valores, preferências e expectativas dos jovens entrevistados durante a pesquisa qualitativa. Os principais resultados estão a seguir.

Matrículas no Ensino Médio, Normal/Magistério e Integrado*



FONTE MEC
*O MESMO ALUNO PODE TER MAIS DE UMA MATRÍCULA.

Taxa de frequência líquida**



FONTE PNAD 2011
**CRIANÇAS E JOVENS DE CADA FAIXA ETÁRIA NA ETAPA DE ENSINO ADEQUADA.

Eles estão com a cabeça no futuro

Os adolescentes ouvidos pela pesquisa estão conectados às novas tecnologias e anseiam pela entrada no mercado de trabalho



Pessoas fascinadas pela tecnologia, que vivem conectadas e buscam a independência e a autonomia. Os jovens ouvidos – quase metade deles pertencentes a famílias cuja renda não ultrapassa 1,5 mil reais – compõem um público que privilegia o acesso a equipamentos tecnológicos. Segundo a pesquisa quantitativa, 70,7% dos entrevistados têm acesso à internet em casa. E mais: para uma parte significativa – 57,6% –, esse acesso se dá por meio de tablets e celulares. Todos declararam usar as redes sociais. “Garanto que eles trocam outro tipo de consumo pelo consumo da informação por meio da tecnologia. É uma forma de se sentirem pertencentes a uma sociedade tecnológica, é uma questão de identidade”, conclui a pesquisadora Priscila Albuquerque Tavares, da Fundação Getúlio Vargas (FGV). “Me surpreende a escola não estar demonstrando muito interesse em se apropriar desses recursos”, diz José Armando Valente, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Os adolescentes procuram emprego cedo, talvez enxergando um caminho para a obtenção dos bens de consumo que apreciam. Na pesquisa, os que estudam e trabalham somam 17,3% do total e os que trabalham e deixaram de estudar chegam a 12,5%. Porém, os que declararam já haver trabalhado e recebido remuneração por isso, antes da pesquisa, chegam a 41,4%. As condições variam nas duas metrópoles pesquisadas. Entre os alunos de São Paulo que trabalham, 45% foram contratados em condições formais. Já no Recife, 83,5% dos que estão no mercado não têm carteira assinada. “O trabalho precoce faz parte da identidade juvenil e a escola deve se adequar a isso”, diz Maria Inês Fini, consultora da Fundação Roberto Marinho. Mesmo os que só estudam estão em busca de colocação: nas duas metrópoles, pouco mais de um quarto dos entrevistados procurou emprego na semana anterior à pesquisa.

O ingresso no mercado de trabalho não parece ocorrer por pressão das famílias, nem nas economicamente menos favorecidas. Mais de 85% dos alunos acreditam que para os pais o mais importante é concluírem os estudos. Outro fator que indica a valorização da escola é que 76,7% dos adolescentes haviam cursado a Educação Infantil. “Conseguir ter acesso a um ensino de qualidade é a busca desses pais, que veem nisso um meio de crescimento para os filhos”, diz Maria Inês. A maioria das famílias pesquisadas possui um nível

Perfil do adolescente

Tem menos de 1,5 mil reais de renda familiar

46,6%

Já trabalhou e recebeu remuneração por isso

41,4%

É protestante evangélico

30,6%

Capital cultural

Tem mesa para estudar

84,9%

Usa a internet para estudar

84,4%

Frequentou a Educação Infantil

76,7%

Tem computador com internet

70,7%

Conta com alguém para ajudar nas atividades

60,4%

Tem celular com internet ou tablet

57,6%

Utiliza celular ou tablet para estudar

25,9%

JOVENS DE 15 A 19 ANOS RESIDENTES NOS SETORES CENSITÁRIOS 40% MAIS POBRES, QUE FREQUENTAM OU FREQUENTARAM O ENSINO MÉDIO, REGIÕES METROPOLITANAS DE SÃO PAULO E RECIFE, 2012.

relativamente baixo de escolaridade: 47,7% dos pais tinham cursado parte ou todo o Ensino Fundamental, número que sobe para 54,9% no caso das mães. Já 20,6% dos pais tinham chegado ao Ensino Médio – completando ou não – perante 28,1% das mães. “O grau de escolaridade da mãe é um importante fator para a manutenção dos filhos na escola. De modo geral, são elas que coordenam a rotina da casa”, diz Maria Inês.

Chamou a atenção, durante a análise dos dados da pesquisa, um ponto ligado à religião. Ainda que os católicos sejam maioria – 41,5% –, o número de evangélicos chega a 30,6%. A literatura sobre o tema aponta que a maior importância atribuída à Educação pelos protestantes influencia o investimento nessa área. A leitura da *Bíblia*, num contexto de baixa escolaridade, por exemplo, é uma experiência relevante, já que é incorporada à prática familiar e à experiência dos jovens.

Em busca de

Pesquisa revela uma cisão entre o modelo de Ensino Médio e os interesses e os projetos dos jovens que chegam a esse nível da Educação. Os problemas apontados por eles são muitos

Quem são os jovens brasileiros que chegam à última fase da Educação Básica? Quais são suas aspirações em relação ao futuro? Na elaboração do modelo do Ensino Médio atual, questões como essas não foram respondidas e, conseqüentemente, os desejos dos estudantes estão longe de ser contemplados. “No Brasil, essa etapa se expandiu aproveitando o modelo do Ensino Fundamental, apenas com algumas adequações. A sala de aula é basicamente a mesma, os recursos didáticos e o tipo de professor também”, diz Raquel Souza, assessora da Ação Educativa.

No entanto, estamos falando de jovens com características muito diferentes das encontradas nos alunos que ainda cursam até o 9º ano. “A autonomia dos alunos de Ensino Médio é de outra natureza. Muitos já tiveram alguma incursão pelo mundo do trabalho, o que traz novas percepções e perspectivas quanto à própria função da

escola. Outros estão vivendo sua juventude em contato com as chamadas culturas juvenis, formas de pertencimento e expressividade com grupos de pares, no espaço escolar e para além dele”, analisa Gisela Tartuce, pesquisadora da Fundação Carlos Chagas (FCC).

Nesse sentido, a ausência de conexão entre os jovens e o Ensino Médio começa já na base que estruturou o modelo, no modo como ele foi pensado. Na pesquisa, o que aparece é o desdobramento disso: a clara falta de correspondência entre a realidade dos adolescentes e suas aspirações e o conteúdo oferecido pela escola. A insatisfação passa por questões como as disciplinas e os temas estudados em classe, a postura dos professores em sala de aula, o uso dos recursos tecnológicos, a infraestrutura, a segurança, a conservação da escola e a relação das instituições de ensino com o mundo do trabalho, como mostramos nas páginas a seguir.

e um sentido

“Física e Química deveriam ser matérias optativas. Estava perdendo tempo com isso.”

○ Currículo fragmentado e poucas aulas práticas

Língua Portuguesa e Matemática são disciplinas relativamente bem aceitas pelos estudantes do Ensino Médio. Entre os entrevistados, 78,8% declararam enxergar como útil o conteúdo que aprendem na primeira, enquanto 77,6% expressaram a mesma opinião sobre as aulas da segunda. No entanto, no que diz respeito às outras 11 disciplinas que compõem o currículo, o resultado é desalentador. Menos de 36% enxergam utilidade em Geografia, História, Biologia e Física, por exemplo. Literatura recebeu a pior avaliação: apenas 19,1% reconhecem como útil o conteúdo dessa área. “Isso permite concluir que uma parte substancial dos alunos não vê utilidade no conjunto das disciplinas. Esses resultados colocam em questão a extensão e a complexidade do currículo desse nível de ensino”, afirma Haroldo da Gama Torres, autor da pesquisa.

Esse é, de fato, um dos principais pontos da crise do Ensino Médio. O acesso a essa etapa da Educação se ampliou, mas para os jovens das camadas mais pobres o currículo é especialmente distante da realidade e de seus horizontes. “Na vida, os conhecimentos dialogam entre si, mas na escola não. O problema é que as disciplinas são apresentadas de forma fragmentada”, diz Priscila Cruz, do movimento Todos pela Educação.

Os adolescentes pedem atividades de caráter mais prático ou que apresentem exemplos do cotidiano para facilitar o aprendizado. “Nenhum currículo será bem implementado se o professor ignorar recursos metodológicos dinâmicos e se não articular os conceitos abstratos das disciplinas ao conhecimento do dia a dia”, afirma Celso Ferretti, docente da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).



O professor faltava demais.
Conversei com minha mãe.
‘Eu não vou mais.
O professor não vai pra escola.
Vou trabalhar’.

Absenteísmo do professor e falta de contato com ele

A questão das faltas constantes apareceu como um dado central no conjunto de percepções dos jovens sobre os professores. O número impressiona: 42% dos entrevistados declararam não ter tido pelo menos uma das aulas programadas para o dia anterior à data da pesquisa. Paradoxalmente, os adolescentes não consideraram um problema a questão relacionada à ausência dos mestres. A avaliação sobre esse profissional é positiva. “O professor é tratado com indulgência. O aluno reconhece que ele ganha pouco e, por isso, precisa ter diversos empregos”, conta Torres.

A maioria avaliou os professores como preocupados com os alunos e a aprendizagem. Um grupo grande, 81,3%, disse que, em caso de dúvida, os mestres explicam adequadamente as matérias. Já 77,2% os consideraram interessados em sua aprendizagem e 78,6% julgaram que a escola e os docentes apoiam os alunos com dificuldade.

Outro tema que emergiu ao tratar da convivência entre estudantes e educadores foram os con-

flitos que circundam a relação. Apesar da existência de algumas narrativas mais dramáticas, colhidas nos grupos focais, na maior parte dos casos os jovens justificaram esses conflitos recorrendo a argumentos atenuantes, como a sobrecarga de trabalho que parte dos profissionais enfrenta, além das salas superlotadas. As atitudes críticas dos estudantes em relação aos professores parecem ter, em certos casos, um caráter individualizado, mais associadas ao relacionamento interpessoal do que aos aspectos técnicos da atividade, como a frequência, a pontualidade e o conhecimento acerca da matéria que lecionam.

Para Raquel Souza, da Ação Educativa, a pouca convivência entre o corpo discente e o docente impede uma relação mais próxima, que favoreceria o ensino e a aprendizagem. “O contato dos estudantes com alguns professores ocorre, muitas vezes, apenas uma vez por semana, em aulas de 50 minutos. Assim, as chances de construir uma relação profícua são mínimas”, avalia.

Baixo uso de recursos tecnológicos nas aulas

Os maiores incômodos em relação às regras da escola, na visão dos alunos, dizem respeito à proibição da utilização de celulares, às dificuldades de acesso à internet e à falta de uso dos novos recursos tecnológicos em sala de aula. A maioria deles já tem contato com a internet e se sente de certa forma mais qualificada do que seus professores. Com a oportunidade de obter informações diversificadas fora da escola, esses estudantes passam a dispor de elementos para questionar o poder – e consequentemente a autoridade – de seus mestres. “A escola, hoje, de um modo geral, tem demonstrado desconhecimento para lidar com as novas tecnologias. Isso se traduz na dificuldade de incorporá-las ao cotidiano”, comenta Torres. Outro complicador: “Existe um processo de regulação, em que o acesso às tecnologias não é facilitado e, muitas vezes, funciona na base da proibição”, completa. Assim, muito embora 73,8% do total de entrevistados tenham declarado que a sua escola é equipada com computadores,

37,2% deles reclamaram que nunca tinham usado o equipamento.

A estruturação de laboratórios de informática, que funcionam como verdadeiras ilhas no ambiente escolar, também é um ponto crítico nessa discussão. “O computador é uma ferramenta de estudo e tem de ser encarado como tal. Não pode ficar numa sala restrita, que está sempre fechada”, avalia Marcos Magalhães, presidente do Instituto de Co-Responsabilidade pela Educação.

Os especialistas se referem a outro problema no que diz respeito à incorporação da tecnologia pelas instituições de ensino: a ausência de formação para o docente. “O grande erro foi equipar as escolas com computadores sem investir na capacitação dos professores no que se refere à tecnologia da informação”, completa Magalhães. Segundo ele, só há sentido em incluir esse recurso no programa se ele estiver atrelado a um propósito pedagógico bem estabelecido, permitindo tornar as aulas mais dinâmicas.

“A professora de Arte queria passar um desenho, era um quadro, mas não sabia como. Eu disse que ela podia postar no Facebook pra todo mundo baixar e fazer a lição. Ela não sabia o que era Facebook, nem tinha Orkut. Dá pra acreditar?”

Ambiente malconservado, inseguro e sem infraestrutura

A escola não é só um local para aprender, na ótica dos alunos. Eles a avaliam muito mais por seu espaço físico. Nas narrativas coletadas durante a pesquisa qualitativa tiveram destaque os problemas relacionados à conservação das salas, mencionados por 38% dos entrevistados. Os dados quantitativos reforçam as declarações: 41,5% dos jovens disseram que onde estudam ou estudaram faltavam cadeiras ou estavam inadequadas para o uso. Além disso, 37,2% mencionaram vidros quebrados. Outros problemas relatados se referiam à iluminação e à limpeza.

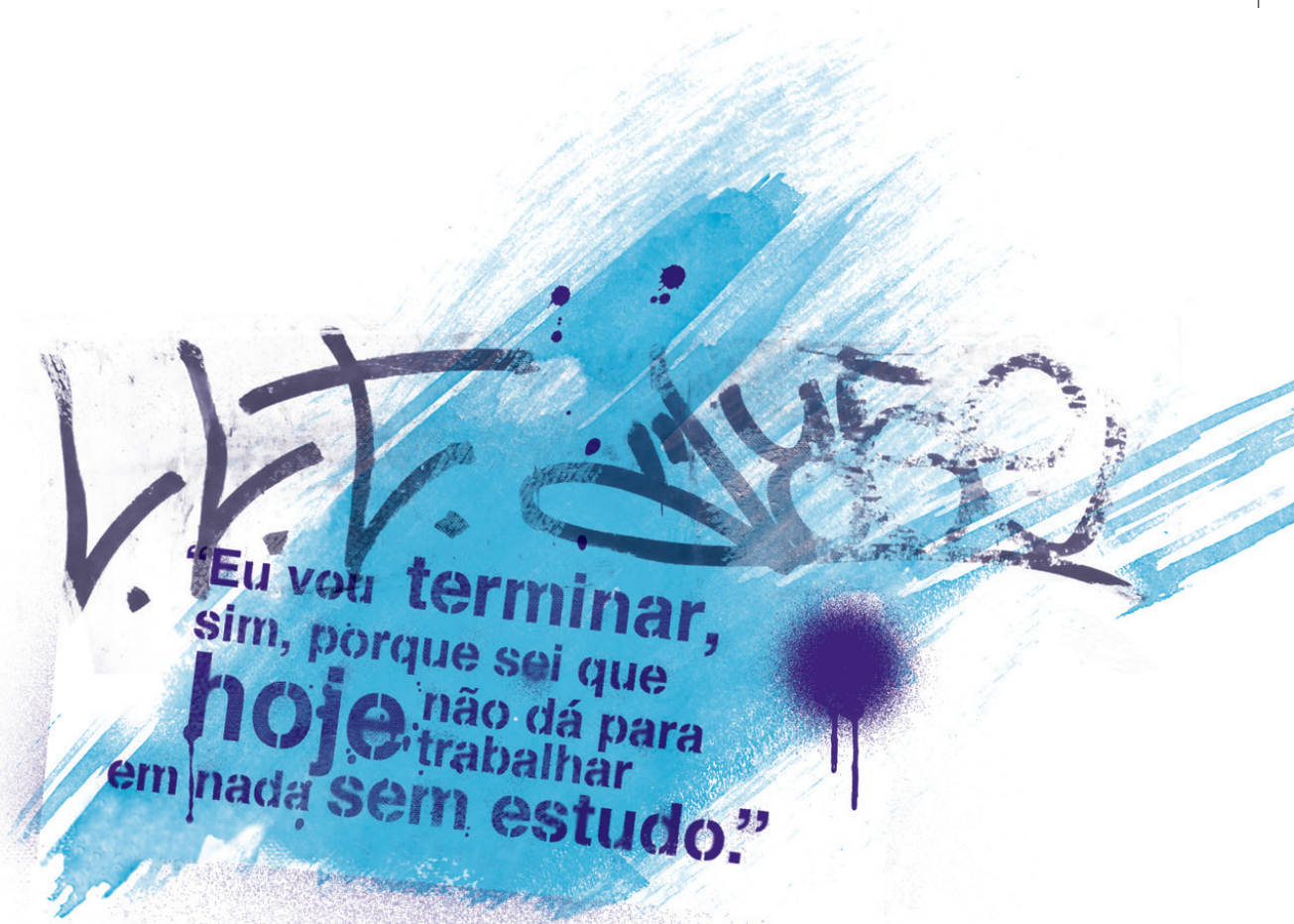
Surpreendentemente, a pesquisa mostra que os adolescentes relacionam os problemas de conservação à insegurança. “Cerca de um quarto deles declarou não se sentir seguro no ambiente escolar”, diz Torres. “A proporção dos que se sentem inseguros, no entanto, aumenta substancialmente entre os que acham a escola malconservada, passando de 17,1% para 36,2%.” A segurança está ligada também aos relacionamentos. Os jo-

vens ouvidos declararam se sentir mais seguros à medida que possuem mais colegas com os quais podem compartilhar assuntos pessoais. O mesmo ocorre quanto maior a percepção de interesse por parte dos professores.

Por fim, a pesquisa quantitativa também indicou que a presença de equipamentos escolares básicos – como computadores, quadras de esporte e bibliotecas – não é universal. Embora 93,9% dos entrevistados tenham afirmado que sua escola possuía quadra de esporte e 83,4% façam referência à existência de uma biblioteca, a utilização delas nunca ocorre em mais de um quarto dos casos. “Os alunos reclamaram da ausência de aulas práticas, que está, em grande parte, relacionada à falta de infraestrutura adequada. As bibliotecas não contam com um profissional especializado e nos laboratórios de Ciências não há quem faça a manutenção e prepare os equipamentos para as aulas. Nesse cenário, a atuação dos professores fica limitada”, diz Celso Ferretti.



“Antes, eu gostava da escola, era colorida, sempre limpa, não tinha nada quebrado; tinha até laboratório. Depois, mudei para outra escola, para fazer o colegial. Eu não gostei de lá. É tanta bagunça que dá até medo.”



Falta de conexão entre a escola e o projeto de vida

Um em cada cinco alunos ouvidos para o estudo declarou que só frequenta a escola para conseguir um diploma. Na cabeça deles, embora o conteúdo das aulas não seja de grande serventia para a sua vida, o certificado garante maiores chances a quem concorre a uma vaga no mercado de trabalho. “O ensino superior é uma referência quase universal no âmbito da pesquisa qualitativa, porém, mais de dois terços dos entrevistados na etapa quantitativa já estavam trabalhando ou pretendiam começar a trabalhar antes dos 18 anos”, afirma Torres.

Mesmo os que gostariam de cursar uma faculdade declararam que a escola, nos moldes atuais, não é capaz de prepará-los para isso. “De modo geral, as escolas não estão demonstrando nenhuma habilidade para lidar com as temáticas que dizem respeito ao projeto de vida dos jovens”, analisa Raquel Souza, da Ação Educativa. Para ela, as disciplinas não estão articuladas com questões que fazem parte do cotidiano deles depois que

deixam a escola. “E esses são aspectos centrais na cidadania dos que estão no Ensino Médio.”

Entre os entrevistados, a maioria compreende o trabalho antes de completar o Ensino Médio como uma atividade desejável, independentemente da opinião dos pais. “Esse é um dado a ser considerado no desenho de políticas educacionais para esse segmento, colocando, ao mesmo tempo, questões desafiadoras para o modelo da escola em horário integral”, observa Torres.

Nesse sentido, discute-se a flexibilização do currículo ou mesmo a diversificação dos modelos de escola voltados para essa etapa da Educação Básica, de modo a atender aos diferentes perfis de estudantes e aos projetos que eles cultivam para o período posterior ao da conclusão dos estudos. “Fica muito mais fácil tornar a escola atrativa quando há alternativas para alinhar o currículo oferecido na escola à vocação e aos interesses de cada grupo de alunos”, defende Priscila Cruz, do Todos pela Educação.

A decisão de abandonar

Desconexão com o mundo do trabalho impulsiona a saída da escola, enquanto relações pessoais contribuem para que o aluno fique



CONSIDERAM O DIPLOMA A PRINCIPAL RAZÃO PARA IR À ESCOLA

19,7%

dos estudantes

31,9%

dos que abandonaram o Ensino Médio e trabalham

Manter os alunos na escola é um esforço que se torna mais difícil à medida que eles avançam nas etapas de ensino. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2011, dos que deixam a escola, 70,2% o fazem entre o 7º ano e o Ensino Médio. E a entrada no mercado de trabalho ou a intenção de fazê-lo, a curto prazo, é um aspecto diretamente relacionado à evasão.

Vale observar que, entre os que trabalham, o tempo dispensado ao estudo diminui. A maioria dos que já estão empregados assiste às aulas no período noturno, somando 69,1% do total da amostra. As faltas são mais comuns entre esses jovens e isso se desdobra em índices mais altos de reprovação: 33,8% dos que estudam e trabalham declararam ter repetido o ano uma ou mais vezes, ao passo que a reprovação entre aqueles que apenas estudam é da ordem de 26,4%.

Cursar o Ensino Médio após os 17 anos – idade média para concluí-lo – é consequência provável da repetência, e aparece como um fator claro para o abandono. “No levantamento, a existência de um fluxo educacional regular, inclusive no Ensino Fundamental, está diretamente relacionada à probabilidade de concluir o Ensino Médio”, afirma Haroldo da Gama Torres, autor da pesquisa. Não por acaso, a maior proporção de estudantes que manifestaram a possibilidade de abandonar os estudos (37,2%) está na faixa dos 17 anos. Na pesquisa, 76,4% dos jovens de 15 a 17 anos só estudam. Entre os que estão na faixa dos 18 e 19, o percentual dos que se dedicam exclusivamente à escola cai para 21,9%. “Quanto mais defasado o

aluno está dentro do sistema educacional, mais difícil fica conciliar o trabalho ou outros interesses com a rotina da escola”, diz Tufi Machado Soares, do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

Outro fator que ajuda a explicar a evasão é o aluno não enxergar, na escola, algo que contribua para a sua atuação profissional. “Embora um dos objetivos do Ensino Médio seja a formação para o trabalho, o currículo não dialoga com isso, nem em termos de conteúdo nem enquanto suporte na transição para o mundo profissional”, afirma Ana Paula Corti, professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo.

Assim, um em cada cinco alunos afirma frequentar a escola apenas com o objetivo de conseguir o diploma, mas não vê muito significado em todo o processo de aprendizagem. “O estudante desse nível almeja um apoio para delinear seus projetos de vida. Deseja realizar uma síntese de seu percurso escolar e definir os rumos a serem trilhados daí em diante. E esse é certamente um aspecto ausente na escola”, completa a professora. Muitas vezes, o Ensino Médio é encarado apenas como parte do processo para chegar à universidade e, para quem não tem essa meta, o sentido de cursá-lo se esvazia ainda mais.

A influência do clima escolar

Segundo a pesquisa, a percepção direta sobre o ambiente escolar também faz diferença na motivação do adolescente para permanecer ou não na escola. Para muitos, a zoeira diminui a vontade de estudar, já que ela denota um baixo grau de organização do ambiente educacional: 76,7% declararam que seus colegas de classe fazem muita zoeira e bagunça, a ponto de atrapalhar as aulas. Por outro lado, as amizades parecem ser um fator decisivo para que o estudante continue frequentando as aulas. “Pena que essa sociabilidade ainda seja vista pela escola como algo negativo. As entrevistas nos mostram que as amizades e os relacionamentos devem ser reconhecidos como aliados”, avalia Ana Paula. Da mesma forma, a ligação com os professores importa. “A pesquisa deixa claro que os docentes tornam o sistema escolar humanizado e estimulante para os jovens. Então, se ele é um dos fatores centrais de atração dos alunos e de construção de sentidos positivos para sua permanência no Ensino Médio, seu papel precisa ser valorizado”, defende Ana Paula.

SÓ ESTUDAM

76,4%

dos jovens de 15 a 17 anos

21,9%

dos que têm 18 ou 19 anos

ESTUDANTES DE 15 A 19 ANOS RESIDENTES NOS SETORES CENSITÁRIOS 40% MAIS POBRES, QUE FREQUENTAM O ENSINO MÉDIO. REGIÕES METROPOLITANAS DE SÃO PAULO E RECIFE, 2012.



NÃO PENSAM EM
ABANDONAR O ENSINO MÉDIO

91,9%

dos jovens que só estudam

89,4%

dos que trabalham e estudam

ESTUDANTES DE 15 A 19 ANOS RESIDENTES NOS SETORES CENSITÁRIOS 40% MAIS POBRES, QUE TRABALHAM OU NÃO TRABALHAM. REGIÕES METROPOLITANAS DE SÃO PAULO E RECIFE, 2012.



FOTO FLAVIO SANTANA

Os desafios do professor

O autor da pesquisa sobre a juventude e a escola fala sobre um dos principais agentes de mudança no Ensino Médio

Para boa parte dos alunos, o professor ocupa uma posição de destaque na escola, sendo considerado um dos maiores representantes da instituição. A qualidade do vínculo estabelecido entre eles e o docente influencia a avaliação que fazem da disciplina, dos conteúdos estudados e até mesmo da escola. Esses foram alguns dos achados da pesquisa desenvolvida pelo economista Haroldo da Gama Torres, mestre em Demografia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). O consultor da área de Políticas Sociais e Sistemas de Informação estabelece um paralelo entre muitas das opiniões dos alunos e o que elas mostram sobre os novos desafios da docência, em particular no Ensino Médio, além de traçar um perfil do professor que os jovens preferem.

Como os educadores podem aproveitar a influência que têm sobre os alunos para melhorar a aprendizagem?

HAROLDO DA GAMA TORRES Na percepção dos entrevistados, o bom professor consegue produzir vínculos, despertar o interesse para a disciplina que ensina e trazer os conteúdos para a vida dos alunos estabelecendo, de algum modo, paralelos que deixam a experiência do aprendizado menos abstrata. O pior professor, na opinião deles, só fica escrevendo na lousa, de costas para a sala, não tira dúvidas, não dialoga e, muitas vezes, adota um registro repressivo. O discurso dos estudantes não passa pela competência técnica do professor, mas pela natureza do contato estabelecido entre eles. Os vínculos formados com os educadores influenciam na percepção geral que os adolescentes têm sobre a escola, tanto entre os que ainda estudam quanto entre os que abandonaram.

A questão do absenteísmo dos professores é um dos grandes problemas enfrentados no Ensino Médio. Qual o impacto das faltas constantes na trajetória dos alunos?

TORRES Quando olhamos a avaliação da escola ou do professor, feita pelos alunos, as faltas parecem não influenciar muito. Há uma postura indulgente deles com os educadores que se ausentam. Os próprios jovens reconhecem que os professores trabalham demais, ganham mal e têm vários empregos. Por outro lado, quando fazemos a modelagem de dados para entender as razões de abandono, os níveis de faltas muito altos aparecem como um motivo importante de evasão. Nas entrevistas em profundidade com os que abandonaram, esse aspecto é significativo. Não dá para afirmar que eles deixaram a escola por causa disso, mas talvez tenha sido a gota d'água. Quem já repetiu várias vezes e olha para o mercado questiona ainda mais a validade da escola diante de problemas como esse e opta por outros caminhos.

A escola não parece preparada para lidar com as variadas culturas e estilos juvenis. Existem alternativas para isso?

TORRES A pesquisa não tocou exatamente nessa questão. Mas eu conheço outras pesquisas e até experiências de sucesso de escolas de Ensino Médio que incorporaram, por exemplo, a música e a dança em algum momento do processo educacional, na tentativa de construir um diálogo entre o saber

institucionalizado e os elementos da cultura popular, do universo jovem. Com um pouco de esforço, é possível garimpar, em todas as disciplinas, conteúdos familiares que permitam conectar o que se aprende na escola e a realidade. E o principal agente facilitador no processo é o professor.

A zoeira, ou indisciplina, é uma resposta à falta de reconhecimento da identidade dos jovens ou da falta de autonomia deles no ambiente escolar? Como os professores podem lidar com ela?

TORRES Durante a pesquisa, visitei algumas escolas limpas, organizadas e que respeitam e incentivam o protagonismo juvenil. Nelas, a zoeira não é um problema. Os jovens ali participam de bandas de música, concursos e campeonatos de esportes, por exemplo. Na outra ponta, em escolas onde as regras não são claras e tudo é largado, a autoridade, seja dos gestores, seja dos professores, se dilui.

Os alunos dominam os recursos tecnológicos e, nessa área, sabem mais do que os seus professores. De que forma isso desestabiliza a relação aluno e professor?

TORRES Precisa haver um esforço coletivo dos atores envolvidos com a Educação no país para inserir a escola no mundo digital. O professor não deve ser mais aquele que traz a informação, que elabora a aula expositiva, mas aquele que dialoga em classe sobre o conteúdo que os alunos muitas vezes já acessaram fora da escola. Em experiências desse tipo no exterior, o mestre se torna um mediador. Na pesquisa, 60% dos jovens afirmaram possuir um celular inteligente. Então, em vez de sermos reativos ou negarmos a penetração da tecnologia na escola, proponho vê-la como uma oportunidade de construir novos tipos de relacionamento e formatos para transmitir os conteúdos e estimular a aprendizagem.

A pesquisa aborda também a falta de mediação, por parte do professor, entre as turmas da frente e as do fundo.

TORRES Há professores que simplesmente ignoram os conflitos entre os alunos. Já em algumas escolas, eles conseguem fazer essa mediação, com benefícios para o clima da classe e o da escola. Os professores que ouvem os alunos e criam espaços de diálogo entre eles são os que estabelecem condições interessantes para o aprendizado.

Em várias circunstâncias, os professores pertencem a um grupo social distinto dos alunos, com diferentes níveis de formação, valores e visões de mundo. E a escola de periferia é percebida como a mais difícil para lecionar. A pesquisa captou situações de preconceito na relação aluno e professor?

TORRES Esse conteúdo emergiu numa pesquisa anterior que fiz, envolvendo 800 professores. Aqueles de situação econômica precária têm uma postura mais acolhedora com os jovens mais pobres, pois se identificam com esses alunos e se preocupam realmente com a aprendizagem deles. Por outro lado, é verdade que há professores de classe média com muita dificuldade de dialogar com alunos economicamente menos favorecidos. Na minha pesquisa apareceram, inclusive, recortes raciais. E essa questão, obviamente, tem impacto sobre a aprendizagem. Se o professor não acreditar que o aluno pode aprender e se não construir vínculos, fica mais difícil ensinar. Nesse sentido, os conflitos geracionais e de classe têm uma grande importância e precisam ser olhados com bastante atenção.

Como deveria ser a formação inicial e continuada dos professores do Ensino Médio?

TORRES Devo ressaltar a importância de oferecer aos professores uma formação mais pragmática e menos teórica e abstrata. Porque é disso que os estudantes mais reclamam. Até agora, discutimos como a escola deveria ser. Chegou a hora de discutir como a escola é e como lidar com a realidade atual. É preciso pensar em alternativas que ajudem o professor a se relacionar com o aluno que já chega ao Ensino Médio mal preparado, vive em condições precárias e tem experiências de vida difíceis. Esse ainda é um grande desafio para todos nós que nos preocupamos com a Educação.

O bom professor consegue produzir vínculos, despertar o interesse para a disciplina que ensina e trazer os conteúdos para a vida dos alunos.

Os estudantes em primeiro lugar

Conheça as sugestões dadas por especialistas para as insatisfações e os problemas apontados pelos jovens ouvidos na pesquisa da FVC

Quando o Ensino Médio foi estruturado, as características que diferenciam os alunos dessa etapa da escolaridade dos que ainda cursam o Fundamental pouco foram consideradas. Não por acaso, uma das críticas ao modelo que temos hoje é a completa falta de conexão entre os interesses e as necessidades dos adolescentes e o que a escola oferece. Na pesquisa da FVC, os jovens foram ouvidos e pontuaram questões importantes sobre a infraestrutura, a postura do professor e o uso da tecnologia, entre outras. A seguir, especialistas sugerem formas de articular o que eles pensam sobre a escola com a realidade da Educação brasileira e indicam rumos pelos quais as políticas na área poderiam evoluir, para que as questões mais relevantes sejam equacionadas. O investimento em equipamentos básicos e na formação profissional estão na lista. Mas o protagonismo juvenil e o respeito à diversidade cultural também mereceram destaque.

Aproximar a escola do universo dos alunos

O jovem do Ensino Médio deve ser ao mesmo tempo sujeito e objeto da ação do seu desenvolvimento. Ele precisa ser envolvido nas questões escolares que o afetam, na condição de líder de

turma, por exemplo, levando aos gestores reivindicações e ideias. Os adolescentes também podem participar de projetos de preservação do patrimônio escolar, de bandas de música e de círculos de leitura, além de outros, que ultrapassem os muros escolares, como os de preservação ambiental. “O ideal é que esses projetos dialoguem com os interesses dos estudantes mas também que estejam integrados com o projeto pedagógico das disciplinas. Eles não devem ser dissociados dos objetivos estabelecidos para cada série”, afirma Marcos Magalhães, presidente do Instituto de Co-Responsabilidade pela Educação.

Garantir professores presentes e preparados

Para tratar a questão do absenteísmo, é necessário atuar em diversas frentes. O salário é um ponto importante, mas está longe de ser o único. “Os professores têm de ser capacitados e estar preparados para lidar com as necessidades e expectativas dos jovens. Oferecer um plano de carreira a eles e resgatar o status da profissão são outras questões relevantes”, diz Laura Laganá, diretora superintendente do Centro Paula Souza. Para Magalhães, o ideal é manter os que trabalham em tempo integral lecionando em apenas uma escola. “Só com a dedicação exclusiva, o professor consegue cumprir suas funções a contento.”

Proporcionar aprendizado significativo

O aluno que vai à escola pensando exclusivamente na obtenção do diploma o faz porque não vê sentido nas atividades apresentadas pelos professores ou prazer no aprendizado. Para mudar essa realidade, propor aulas mais dinâmicas, práticas e com o uso de recursos didáticos diferenciados – além da lousa e dos livros – é uma boa estratégia. “A escola também pode aproveitar a necessidade de socialização, característica dos jovens, para estimulá-los a trabalhar em grupos e a participar mais de fóruns e discussões na sala de aula”, sugere a pesquisadora Priscila Albuquerque Tavares, da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Usar as novas tecnologias com propósito pedagógico

A escola deve estar comprometida com o objetivo de desenvolver, no jovem, as competências exigidas dele no século 21, o que evidentemente inclui o domínio das novas tecnologias. Ainda assim, não basta ampliar o acesso aos computadores. “Os professores precisam estar capacitados para utilizá-los como uma ferramenta para melhorar a qualidade da aula”, defende Magalhães. “É preciso desenvolver nos alunos uma consciência crítica acerca das tecnologias. Elas devem ser uma ferramenta e estar alinhadas com um conteúdo pedagógico”, diz Raquel Souza, da Ação Educativa.

Diversificar modelos de formação

O público que chega ao Ensino Médio é heterogêneo. E a escola precisa oferecer apoio aos mais diversos projetos de vida desses alunos, para além da formação básica. “Nesse sentido, é preciso contemplar os interesses dos que desejam ir para a universidade, dos que trabalham ou desejam fazer

isso, dos que pretendem seguir carreira técnica ou empreender”, diz Magalhães. Para atender a essa demanda, uma opção seria flexibilizar o currículo, disponibilizando um número maior de disciplinas eletivas, ou pensar em modelos de escolas que atendam às diferentes juventudes.

Melhorar a infraestrutura

Garantir a existência e o bom funcionamento dos equipamentos básicos dentro da escola, como quadras de esportes, bibliotecas e laboratórios de informática, é condição essencial para que esse nível de ensino atenda às necessidades dos estudantes. Além disso, é preciso oferecer capacitação aos professores para que eles possam aproveitar da melhor forma todos esses recursos nas aulas que ministram. Um terceiro ponto importante é pensar em meios de evitar a depredação das instalações. Nesse sentido, as escolas podem criar projetos que envolvem os alunos, as famílias e a comunidade, tornando-os corresponsáveis pelo espaço. “Quando os estudantes entendem que a escola é deles, caem muito os problemas de má conservação”, diz Laura.

Zelar pela segurança

A questão da violência não é exclusiva das escolas, é uma realidade que envolve todo o país. No entanto, para atacar o problema dentro delas, um caminho seria dar ao jovem a oportunidade de participar mais ativamente da dinâmica escolar. Isso se daria por meio de um maior envolvimento dele no processo de ensino e aprendizagem e da valorização de suas competências individuais. “Também é importante incentivar a comunidade a participar da escola. Ela deve conhecer os projetos, opinar e ser ouvida, na medida do possível. Em geral, isso contribui para diminuir os conflitos”, diz Laura.



AFRICA

PARA O ITAÚ BBA, AS NOTAS QUE MAIS INTERESSAM SÃO AS NOTAS 10.

Acreditamos que somente
com educação de qualidade
para todos é possível construir
um país mais justo e formar
futuros líderes.

Saiba mais sobre os projetos
sociais que apoiamos.

www.itaubba.com



Itaú BBA

À frente. Por escolha.

Ilustração: Joyce Hesselberth.
Artista premiada pela Society of Illustrators.

